

Instituto Socioambiental

fonte: GM

class.: CLTR0001

data: 6/8/95

pg.: A-4

Ainda há tempo para nos aquecermos ao sol

Os ambientalistas estão decepcionados. Seus esforços para assustar o mundo com os perigos do aquecimento global parecem não ter dado certo. Há três anos, no Rio, os governos concordaram em paralisar a produção de gases que provocam o "efeito estufa", como é o caso do dióxido de carbono, que, tudo indica, são os responsáveis pela elevação da temperatura média do planeta. Mas quando, nesta semana, se perguntar na conferência de Berlim quais os progressos alcançados desde o Rio, a resposta será: quase nenhum. Os países ricos não deverão alcançar o objetivo (do acordo do Rio) de reduzir a produção dos gases do efeito estufa para os níveis de 1990, até o ano 2000. E mesmo se o fizerem, as crescentes emissões de países pobres que queimam carvão devem desequilibrar e anular o sucesso que se pretendia. São poucos os países pobres que sequer pensaram na necessidade de reduzir sua produção de gases de efeito estufa. E por esse caminho, dizem os verdes, um mundo mfope caminha incessantemente em direção a um calamitoso futuro de pesteades, enchentes e secas.

É possível. Por certo seria lamentável se todos os governos recusassem da promessa feita no Rio, pois isso seria mau augúrio para quaisquer tentativas de tratar coletivamente os problemas globais do meio ambiente. Mas pingüins e pessoas ainda podem ficar tranquilos por muitos anos. Apesar de todo o clamor verde, ainda é muito cedo para o pânico justificar medidas draconianas com o fim de evitar o aquecimento global, especialmente se se considera que muitas dessas medidas ameaçariam mais o bem-estar do homem do que o próprio aquecimento global.

Considere-se, primeiro,

a incerteza dos cientistas a respeito da extensão do aquecimento global. A despeito de avanços recentes, a ciência ainda sabe muito pouco sobre o clima no mundo – um sistema que depende de uma enorme gama de variáveis e causas fluindo em toda direção. A maioria dos cientistas concorda que, desde que outras variáveis permanecem imutáveis, grandes aumentos na quantidade de dióxido de carbono elevam a temperatura. Mas o grau dessa elevação é bastante controverso. E ninguém pode prever se as outras variáveis permanecerão imutáveis. Alguns cientistas admitem que, em vez de ficar gradualmente mais quente, o clima pode ficar sujeito a mudanças súbitas. Isso torna as coisas ainda mais difíceis para que os países se preparem para as mudanças do clima. O Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática, corpo de cientistas que estuda o aquecimento global, admite que a duplicação de carbono na atmosfera poderia levar a um aumento da temperatura que pode variar entre 1,5°C e 4,5°C.

Os gastos para o combate ao efeito estufa seriam enormes – essa é a única certeza sobre o aquecimento global

Há também muita incerteza em relação às consequências do aquecimento global. Algumas áreas do mundo se beneficiariam com um clima mais quente. Terras desertas e incultas nas áreas resfriadas se tornariam ricas e aráveis. Outras áreas sofreriam. Se o aquecimento global aumentasse o nível do mar, terras valiosas habitadas (por exemplo, Bangladesh,

o delta do Nilo e as ilhas Maldivas) submergeriam. Estimativas sobre o impacto do aquecimento global dependem da aferição dessas consequências – o deslocamento para outras plagas das formas de vida propiciadas pelo clima atual – em face de benefícios potenciais, isto é, oportunidades de florescimento das espécies em lugares onde a temperatura melhorasse. Poucos esperam que os benefícios compensem, especialmente se a temperatura aumentar rapidamente.

Os próprios economistas têm salientado que os custos líquidos substanciais seriam razoáveis se a alternativa for pior. A previsão pessimista de que a mudança de temperatura poderia eliminar 20% da renda mundial em um período de cem anos significaria apenas que a expansão da economia mundial seria um pouco mais lenta. Para colocar isso em perspectiva, consideremos outra extrapolação: a economia mundial poderia, se continuar a atual tendência ao crescimento, ficar 300% maior no ano 2095 do que hoje – e portanto em muito melhores condições de enfrentar os custos da mudança climática.

Uma das poucas certezas sobre o aquecimento global é que os custos de um combate sério às emissões de gases de efeito estufa seriam, no momento, enormes. O mundo depende de combustíveis baseados em carbono para 90% de suas necessidades de energia. Uma rápida e obrigatória mudança para qualquer alternativa não poluente reduziria de forma muito agressiva os atuais padrões de vida. Em países em desenvolvimento que confiam no crescimento econômico baseado em combustíveis fósseis para se livrarem das cadeias do subdesenvolvimento, a escassez atingiria níveis agudos. Por

que teriam as pessoas de fazer tal sacrifício para resolver um problema mal-definido e cuja extensão e custos são incertos? Há preocupações ambientais urbanas mais urgentes, como a poluição nas cidades, o alastramento de doenças e as condições sanitárias inadequadas nos países pobres. Ao contrário do aquecimento global, esses fatores causam, agora, sofrimento a milhões de pessoas. E custaria menos aliviar ou mesmo eliminar esses problemas do que reduzir drasticamente a produção mundial de gases de efeito estufa.

Isso não quer dizer que os governos do mundo se omitam em relação à possibilidade, embora remota, de evitar a catástrofe climática. Muitas medidas que reduziriam as emissões de gás são desejáveis por si mesmas. Por exemplo, a maioria dos subsídios estatais para os setores de energia deveria ser eliminada com base na necessidade de eficiência econômica. Isso levaria a menor queima de carvão (o setor de carvão é freqüentemente muito subsidiado) e a preços mais altos de eletricidade, o que encorajaria a conservação. Preços apropriados de pedágio deveriam ser introduzidos

para reduzir o congestionamento nas cidades. Políticas concebidas para lidar com um problema ambiental nem sempre ajudam necessariamente a resolver outros. Eliminar o dióxido sulfúrico das emissões de estações de energia elétrica reduz a chuva ácida, mas pode aumentar o aquecimento. Compostos sulfúricos na atmosfera resfriam o planeta.

Além de encorajar a eficiência energética, os governos deveriam também continuar a financiar pesquisas da ciência de mudança climática e de como reduzir os custos de combustíveis não poluentes. Tais ações poderiam render dividendos, se medidas mais drásticas para o controle do aquecimento global se fizessem necessárias. Mesmo as conferências ocasionais como a de Berlim podem ser justificadas, desde que não propaguem o pânico: a engrenagem da colaboração global deveria ser mantida bem lubrificada para o caso de as mudanças climáticas apresentarem surpresas. Fora isso, entretanto, a palavra de ordem deveria ser – paciência. Dentro de umas poucas décadas, os cientistas deverão ter maior domínio sobre a maneira de influen-

ciar o clima. Mas então os custos para se alterar a estrutura econômica já deverão estar, mais baixos: embora os preços da maioria dos combustíveis não poluentes, tais como a energia solar, ainda custem mais do que os combustíveis fósseis, a diferença está diminuindo. E se a mudança climática se revelar apenas uma lenta e firme elevação da temperatura, os custos de adaptação, à medida que ocorre o aquecimento (tais como a construção de muralhas marítimas mais altas), poderiam ainda ser mais baixos do que os custos de uma prevenção atabalhoada.

Os verdes, sem dúvida, continuarão a apresentar visões ameaçadoras do futuro. E se, perguntarão eles, a mudança climática desse uma guinada que provocasse a morte de metade da população mundial, por inanição, daqui a cinquenta anos? A melhor resposta é que qualquer coisa pode acontecer em cinquenta anos: até mesmo uma invasão de extraterrestres, por exemplo. A julgar pelas atuais evidências, contudo, qualquer supercatástrofe parece improvável. Ainda há tempo para se aquecer ao sol.